

Título: A Onipresença Virtual frente ao Localismo Geográfico: Relato de Experiência em uma Equipe Enactus de Cursos EAD

Por: Maria Metanios Lavalhegas[1]

"O virtual não é o oposto do real, mas uma forma de ser que favorece a criatividade e a inteligência coletiva." (Lévy, 1999).

Resumo

Este relato de experiência analisa a participação em uma equipe Enactus composta por estudantes de Educação a Distância (EAD), sob a perspectiva singular de um membro geograficamente isolado do núcleo central da equipe. O objetivo é discutir a dicotomia entre a potencialidade da "espacialidade virtual" e a persistência do "localismo geográfico" nas práticas extensionistas. A metodologia baseia-se na observação participante das atividades, como ENEB e discussão de projetos e estruturação da equipe pelas interações via WhatsApp e e-mail. Os resultados indicam que, embora a comunicação digital facilite a troca cultural, no caso brasileiro, existe uma tendência institucional em priorizar projetos físicos locais, como intervenções agronômicas e bairros adjacentes à sede universitária, em detrimento de modelos de empreendedorismo social desterritorializados. Conclui-se que a inclusão plena de membros remotos exige uma mudança de paradigma: migrar da visão de "equipe remota de projeto local" para "equipe virtual de projeto, no mínimo, de impacto nacional".

Palavras-chave: Enactus; EAD; Empreendedorismo Social; Espacialidade Virtual.

INTRODUÇÃO

[1] Pseudônimo Graduanda em CURSO EAD, Universidade UNVERSIDADE DO MATO GROSSO DO SUL - UFMS (progdados1@gmail.com).

1.1 O Ecossistema Enactus e o Empreendedorismo Social Universitário

O empreendedorismo social consolidou-se, nas últimas décadas, como uma força motriz para a resolução de abismos socioeconômicos que os modelos de mercado tradicionais e as políticas públicas nem sempre conseguem preencher. No epicentro dessa transformação está a Enactus, uma organização internacional sem fins lucrativos que mobiliza estudantes universitários para o desenvolvimento de projetos baseados em modelos de negócios sustentáveis.

O diferencial da rede reside na aplicação do conhecimento acadêmico na prática ("learning by doing"), transformando a universidade em um laboratório vivo de inovação social. Ao utilizar a tríade Pessoas, Planeta e Prosperidade, os times Enactus ao redor do mundo não buscam apenas a filantropia paliativa, mas a criação de autonomia e empoderamento em comunidades em situação de vulnerabilidade. No entanto, o sucesso desse modelo historicamente dependeu da presença física e da interação direta entre os membros do time e o território beneficiado.

1.2 O Paradigma da Educação a Distância (EAD)

Com a expansão acelerada das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e a consequente democratização do acesso ao ensino superior via EAD (Ensino a Distância), surge um novo perfil de estudante: o aluno digital, muitas vezes geograficamente disperso de seus pares e de sua instituição sede. Este cenário impõe uma barreira logística inédita às organizações estudantis tradicionais.

Como manter a coesão de um time que opera em fusos horários diferentes ou em estados distintos? Como realizar o levantamento de necessidades (needs assessment) em uma comunidade quando os pesquisadores não podem "pisar no solo" de forma conjunta? O desafio não é apenas técnico, mas cultural. A transição para o modelo de impacto digital ou híbrido exige uma redefinição do conceito de "presença", movendo-o do espaço físico para o espaço de colaboração em rede.

1.3 A Motivação pelo Time

A entrada neste time Enactus deu-se em um momento propício de expansão e questionamento. A motivação central para este trabalho nasce da percepção de que a distância geográfica não deve ser um limitador para o impacto social, mas sim um catalisador para a inovação. Se o conhecimento pode ser difundido por canais virtuais, o impacto social, também poderia ser escalonado além das fronteiras físicas.

A entrada no projeto foi pautada pela necessidade de estruturar processos que permitam a operação de um time EAD com a mesma eficiência de um time presencial. O foco reside em entender como as ferramentas de gestão ágil e a comunicação assíncrona podem substituir as reuniões de corredor, e como uma causa social poderia ser cultivada através de telas, mantendo o rigor metodológico e a empatia necessários para o desenvolvimento humano.

1.4 Justificativa e Objetivos

Este relato busca detalhar a estratégia de operação e expansão do projeto, explorando as fronteiras físicas como meras linhas imaginárias, que ainda estão presentes na construção de projetos de impacto social. Enquanto, a proposta do time é criar uma nova realidade de equipe que enfrentam a dispersão geográfica, provando que a interconexão digital é capaz de gerar intercomunicações no mundo físico, porém quando se trata de criar frentes de impacto social, ainda focam na realidade local.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Empreendedorismo Social e a Filosofia Enactus

O empreendedorismo social difere do modelo tradicional por inverter a lógica da prioridade: enquanto no setor privado o lucro é o fim, aqui ele é o meio para a sustentabilidade de uma missão social. Segundo Dees (1998), o empreendedor social atua como um agente de mudanças, adotando uma missão para criar e sustentar valor social através de processos de inovação e adaptação contínua.

Nesse cenário, a Enactus surge como uma rede global que catalisa essa transição. A organização baseia-se em três pilares fundamentais:

Empoderamento: Não é assistencialismo, mas fornece ferramentas para que comunidades em situação de vulnerabilidade se tornem protagonistas de sua própria ascensão social e de sua autonomia.

Ação Empreendedora: É uma maneira de aplicar modelos de negócios e pensamento crítico para resolver problemas sistêmicos.

Impacto Sustentável: Garantir que o projeto continuará a gerar frutos mesmo após a saída dos acadêmicos, transformando a realidade local de forma permanente.

2.2.1. A Inteligência Coletiva como Motor da Ação Social

A conexão entre o pensamento de Pierre Lévy e o modelo Enactus reside, primordialmente, na celebração da inteligência coletiva. Para Lévy (1998), *"ninguém detém todo o saber, mas todos detêm algum saber"*; o objetivo do ciberespaço é justamente permitir que esses fragmentos de conhecimento se encontrem e se potencializem.

Na prática da Enactus, essa teoria se materializa na formação dos times universitários. O impacto social não nasce de um "gênio isolado", mas da convergência de saberes de estudantes de diferentes áreas — engenharia, administração, pedagogia e artes — que, mediados por plataformas digitais ou não; e ferramentas de colaboração, projetam soluções que nenhum deles conseguiria conceber sozinho. O ciberespaço atua como facilitador da coordenação das estratégias, comunicação e estruturação da equipe e dos projetos. A expertise técnica acadêmica é compartilhada para ser "atualizada" na forma de dignidade humana dentro das comunidades atendidas.

2.3. Educação a Distância e as TICs no Ensino Superior

A introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ensino superior brasileiro não representa apenas uma mudança de suporte (do papel para a tela), mas uma mudança de paradigma pedagógico. A Educação a Distância (EaD) deixou de ser uma alternativa secundária para se tornar um pilar de democratização do acesso ao conhecimento, através:

Flexibilização Espaço-Temporal: O aluno deixa de ser um receptor passivo numa sala de aula física para se tornar um gestor do seu próprio tempo de estudo.

Mediação Pedagógica: O professor atua como tutor e facilitador, utilizando fóruns, videoaulas e plataformas gamificadas para estimular o pensamento crítico.

Colaboração em Rede: A aprendizagem deixa de ser solitária para se tornar dialógica. As ferramentas digitais permitem que estudantes de diferentes regiões construam projetos conjuntos, simulando o ambiente de trabalho globalizado.

A legislação brasileira, através de decretos como o nº 9.057/2017, consolidou a EaD como uma modalidade estratégica para o desenvolvimento do país, exigindo que as instituições de ensino não apenas entreguem conteúdo, mas promovam a interação e a pesquisa através do ambiente virtual.

2.4. O Triângulo da Transformação Digital-Social

A convergência entre o Empreendedorismo Social, a Cibercultura e as TICs forma o que se pode chamar de ecossistema de inovação social mediada. Logo, o empreendedorismo social (Enactus) define o propósito (a resolução de problemas reais), a cibercultura de Pierre Lévy oferece a mentalidade e paradigmas (colaboração e inteligência coletiva) e as TICs na educação fornecem a infraestrutura necessária para que o conhecimento acadêmico transponha os muros da espacialidade física.

Dessa forma, a educação a distância não é meramente um canal de transmissão de dados, mas o ambiente onde a desterritorialização do saber permite que estudantes se tornem empreendedores globais. A síntese desses conceitos revela que o "virtual" é a ferramenta mais potente da atualidade para a atualização de soluções sociais, transformando o estudante de um receptor de informações em um arquiteto de realidades coletivas.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

3.1. O Ecossistema Digital: Comunicação Síncrona e Assíncrona

A rotina operacional do projeto não ocupava um espaço físico, mas sim um "não-lugar" digital, sustentado pela dualidade entre o WhatsApp e o E-mail. Esta dinâmica reflete o que Lévy (1999) define como a *atualização de processos comunicativos no ciberespaço:*

WhatsApp como Extensão do Presencial: O uso do WhatsApp transcende a simples troca de mensagens, tornando-se o ambiente de "comunicação síncrona". A imediação das respostas e o uso de áudios e mídias visuais tentaram suprir a ausência do contato físico, criando uma sensação de presença constante. No entanto, essa *"hiperconectividade"* gera o desafio da gestão do tempo e da distinção entre o urgente e o importante.

E-mail como Registro e Memória: Em contrapartida, o correio eletrônico assumiu o papel de "território da formalidade". Enquanto o WhatsApp era o fluxo (o devir), o e-mail era o arquivo (o registro). Essa distinção é crucial para a governança de projetos de Empreendedorismo Social, cuja rastreabilidade de decisões e processos de design/planejamento é exigida para a prestação de contas e sustentabilidade do projeto.

3.2. A Riqueza Cultural na Desterritorialização

Um dos maiores ganhos observados foi a quebra das barreiras geográficas em favor de uma Inteligência Coletiva Multicultural. O contato com colegas de diversas regiões do Brasil permitiu uma imersão em realidades que a educação presencial tradicional, muitas vezes limitada ao contexto local, não oferece.

Essa troca não se limitou a termos técnicos; ela envolveu um repertório de visões de mundo, gírias e perspectivas de mercado distintas. Academicamente, isso se traduz como a formação de uma comunidade de prática virtual, onde o capital cultural de cada membro é socializado. A diversidade de contextos — desde a realidade urbana de grandes metrópoles até os desafios de cooperativas agrícolas no interior — permitiu uma compreensão holística das dores sociais brasileiras, enriquecendo o desenvolvimento de soluções mais resilientes e adaptáveis.

3.3. O Isolamento Geográfico e a "Mão na Massa" Virtual

Apesar das facilidades tecnológicas, a experiência evidenciou o limite da virtualização: a identidade local, gerando isolamento geográfico. Este fenômeno criou uma dicotomia entre a

equipe que estava no "chão da fábrica" (ou no campo, em visitas técnicas a cooperativas de agronomia e bairros periféricos a eles) e a participação de membros de outros estados na simples mediação do trabalho através de telas.

Enquanto a equipe física vivenciava a materialidade dos problemas — o cheiro da terra, o contato direto com o produtor, o clima do local — a observação remota exigia um esforço maior de abstração e empatia. Esse "gap" entre o planejar (virtual) e o executar (físico) é um ponto crítico de reflexão e de adequação da equipe à ideia do EAD, do ciberespaço. Como o gestor ou colaborador remoto pode se sentir parte integrante de uma ação física a uma localidade pontual?

A resposta residiria, se houvesse, na capacidade de tradução: a equipe em campo precisa atuar como "sensores" para quem está remoto, e o membro remoto deveria atuar como o olhar analítico externo, capaz de identificar padrões que quem está imerso no cotidiano local às vezes não percebe. Ou, poderiam conduzir a projetos dentro da realidade do ciberespaço, a vulnerabilidade das comunidades digitais, ou como a tecnologia poderia levar melhorias para comunidades diferenciadas através de dispositivos, softwares e aplicativos, como grandes multinacionais realizam (NetFlix, Microsoft, Google, Apple, Motorola…)

ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

A análise da experiência vivida no projeto revela uma tensão latente entre a prática consolidada e as novas possibilidades de interação mediadas pela tecnologia. O "fazer" social, historicamente ligado ao toque e à presença física, enfrenta o desafio de se traduzir em fluxos digitais que incluam a totalidade do corpo acadêmico, especialmente em um contexto de Educação a Distância (EAD).

Aspecto	Tendência da Equipe (Local)	Potencial da Não-Localidade (Virtual)

Foco do Projeto	Agronomia, hortas comunitárias, intervenções em bairros vizinhos.	Plataformas digitais, cursos livres, consultoria remota e produtos escaláveis.
Natureza da Presença	Física, centrada no "mão na massa" e no deslocamento geográfico.	Gestão de dados, marketing social, networking nacional e curadoria de conteúdo.
Alcance e Escala	Limitado ao raio de poucos quilômetros da sede ou polo físico.	Global/Nacional, sem fronteiras geográficas ou barreiras de deslocamento.
Perfil do Egresso	Executor local com visão de curto alcance geográfico.	Gestor de projetos complexos e articulador de redes de impacto.

Tabela 1: Projeto local x projeto ciberespaço

4.1. A Herança da Extensão Tradicional

A insistência em projetos de natureza puramente física — exemplificada pelo forte viés agronômico (sustentabilidade agrária) — não é aleatória. Ela reflete uma herança do modelo de extensão universitária do século XX, que compreende o impacto social apenas como uma intervenção direta no território físico. Fenômeno que pode ser analisado sob dois prismas:

Conforto Metodológico: Projetos físicos cujos resultados visíveis e táteis são imediatos. No entanto, essa "tangibilidade" mascará uma limitação severa: a incapacidade de escala global, que prossegue o modelo EAD, manter essa visão é ignorar a ubiquidade permitida pelas TICs.

Resistência à Desterritorialização: Como proposto por Pierre Lévy, *a transição para o virtual exige uma mudança de subjetividade*. A equipe, ao focar excessivamente no localismo, demonstra uma dificuldade em perceber a virtualização da equipe, na exigência da necessidade de projetos mais abrangentes, com extensão igualmente virtualizada. O espaço próximo acaba sendo um refúgio de segurança diante da complexidade de gerir uma inteligência coletiva distribuída no mundo virtual.

4.2. A Sensação de Exclusão: A Hierarquia de Pertencimento

A escolha deliberada por projetos locais acaba por instaurar, involuntariamente, uma "hierarquia de pertencimento" dentro do grupo. Este é um dos pontos mais críticos da análise da experiência, onde o espaço físico dita o valor da contribuição acadêmica.

Núcleo de Execução (Local): Alunos que residem próximos ao polo físico da Universidade detêm o protagonismo. Participam dos eventos e atividades presenciais, das visitas técnicas e da implementação. Para este grupo, a experiência é rica e imersiva.

Periferia Burocrática (Remotos): Estudantes geograficamente distantes são relegados a papéis secundários. Eles tornam-se "espectadores do impacto alheio", limitados a preencher planilhas, redigir relatórios ou realizar tarefas administrativas que não exigem a compreensão profunda do problema social.

> *"A geografia não deveria ser um critério de exclusão em um modelo de ensino que se propõe a ser democrático e digital."*

Essa dinâmica gera um esvaziamento do propósito da Enactus para os alunos remotos. Se a essência da rede é o empoderamento. A centralização local das ações promove o oposto: a desmotivação de talentos que poderiam estar contribuindo com marketing, análise de dados ou desenvolvimento de software para o projeto, mas que se sentem alienados por não poderem "plantar na horta" física da equipe.

CONCLUSÕES

A jornada acadêmica e prática dentro do ecossistema Enactus, sob a ótica de um curso de Educação a Distância, revela um paradoxo estrutural: embora a modalidade de ensino seja nativamente digital e desterritorializada, a execução dos projetos sociais ainda se encontra ancorada em modelos de presencialidade física e localismo geográfico. A análise da experiência demonstra que o maior ativo de um time EAD — sua capilaridade e diversidade regional — permanece como uma "mina de ouro" subutilizada, sacrificada em prol de intervenções que atendem apenas ao entorno imediato do polo físico da Universidade.

Para que a inclusão dos membros remotos deixe de ser uma aspiração teórica e se torne uma realidade operacional, é imperativo que o próprio objeto do projeto sofra um processo de virtualização ou, no mínimo, de modularização replicável. Conforme discutido à luz de Pierre Lévy, a espacialidade virtual não deve ser tratada como um mero *"quebra-galho"* para reuniões síncronas via plataformas de vídeo, mas sim como a força motriz da criação de valor. Um projeto que nasce virtualizado permite que os alunos em diferentes pontos geográficos contribuam com o mesmo peso estratégico, seja na arquitetura de dados, no desenvolvimento de softwares sociais ou na consultoria remota para microempreendedores.

A transição do "Projetos locais" para um modelo de "Impacto Escalonável Digitalmente" exige uma mudança na cultura organizacional do time. É necessário substituir a "hierarquia de pertencimento" baseada na proximidade física por uma empatia dentro da realidade digital e virtual.

O futuro da extensão universitária no EAD reside na capacidade de transformar o ciberespaço em um laboratório vivo de transformação social, onde o impacto não é medido por metros quadrados de terra cultivada, mas pela robustez das redes de conhecimento e pelo empoderamento de comunidades conectadas.

Em última análise, o Enactus em cursos EAD tem o potencial de ser a vanguarda do empreendedorismo social. No entanto, isso requer a coragem de desapegar do modelo de extensão tradicional e abraçar a ubiquidade tecnológica como o principal diferencial competitivo. Ao virtualizar a solução, o projeto deixa de ser um evento local e passa a ser um movimento nacional, honrando a missão de transformar vidas através da ação empreendedora, sem que nenhum quilômetro de distância seja uma barreira para a mudança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2017.

DEES, J. Gregory. The Meaning of Social Entrepreneurship. Stanford University: Graduate School of Business, 1998.

ENACTUS BRASIL. Relatório de Impacto e Guia do Programa. Disponível em: [site oficial da Enactus Brasil]. Acesso em: 31 mar. 2026.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012. (Para fundamentar a parte de TICs e Colaboração).

SANTOS, Edméa. Educação Online: cibercultura e formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

WENGER, Etienne. Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity. Cambridge University Press, 1998.